

A LINGUAGEM COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MOÇAMBICANA NA OBRA *TERRA SONÂMBULA* DE MIA COUTO¹

Rute Souza Silva²

RESUMO

A literatura tem sido fundamental nas sociedades letradas porque permite a imaginação e a criatividade. A produção de materiais literários é acompanhada do uso da língua que vai carregada de figuras de estilo e de elementos que constroem a identidade. O romance "Terra Sonâmbula" da autoria do escritor moçambicano Mia Couto desperta interesse para qualquer amante da literatura, porque apresenta traços e marcas próprias da moçambicanidade. A obra, composta por 206 páginas, busca o imaginário baseado no real, relacionando as identidades socioculturais e linguísticas. A presente pesquisa busca compreender a forma como Mia Couto utiliza-se da linguagem, em sua obra "Terra Sonâmbula", como elemento demarcador da identidade africana e moçambicana, de modo a aprofundar reflexões acerca da língua como importante traço cultural e identitário de um povo, bem como fator de resistência. Para tanto buscou-se uma análise do texto do romance e todo o seu arcabouço vocabular, bem como utilizou-se do método bibliográfico a fim de melhor esclarecer questões relativas à língua, identidade e cultura. Por fim, compreende-se que a linguagem e seleção vocabular utilizada por Couto na obra em questão contribuem para a demarcação e construção de um universo identitário moçambicano. O português moçambicano está marcado e presente buscando marcar a identidade sociolinguístico dos personagens.

Palavras-chave: Identidade social na literatura. Linguagem e cultura - Moçambique. Terra sonâmbula - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

Literature has been fundamental in literate societies because it allows for imagination and creativity. The production of literary materials is accompanied by the use of language, which is loaded with style figures and elements that build identity. The novel "Terra Sonâmbula" by the Mozambican writer Mia Couto is of interest to any lover of literature, because it presents traits and marks of Mozambicanism. The work, comprising 206 pages, seeks the imaginary based on reality, relating sociocultural and linguistic identities. This research seeks to understand how Mia Couto uses language, in her work "Terra Sonâmbula", as a demarcating element of African and Mozambican identity, in order to deepen reflections on language as an important cultural and identity trait of a people, as well as resistance factor. For that, an analysis of the text of the novel and its entire vocabulary framework was sought, as well as the bibliographic method was used in order to better clarify issues related to language, identity and culture. Finally, it is understood that the language and vocabulary selection used by Couto in the work in question contribute to the demarcation and construction of a Mozambican identity universe. Mozambican Portuguese is marked and present, seeking to mark the sociolinguistic identity of the characters.

Keywords: Language and culture - Mozambique. Sleepwalking land - Criticism and interpretation. Social identity in literature.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

² Graduada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB). Pós-graduanda em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (UNILAB). Mestranda em Educação (PPGE - UEFS).

1 INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto elemento artístico, utiliza-se da palavra como elemento de expressão de ideias, sentimentos que partem do mundo real para o imaginário. A palavra, por sua vez é a ferramenta que possibilita a comunicação entre os seres humanos, carregando em muitas vezes a autoridade, a afirmação e orientação das normas de ser e de estar em sociedade. Assim, enquanto parte constitutiva de nossa identidade, a língua materializada pelas palavras e pela escrita ou pelo sinal, é, por sua vez, imbuída de reflexos de nossas experiências e vivências inseridas em contexto da cultura. A língua só faz sentido quando estiver relacionada à cultura. Portanto, o contexto em que estamos inseridos, o que inclui nossa raça, gênero, classe social e idade, por exemplo, se revela notoriamente em nossa seleção linguística e cultural.

Em África, devido a exploração cultural (processo de aculturação ocidental) sofrida através da colonização durante vários séculos, a língua se põe como elemento de perseguição dos colonizadores (opressores) sob os colonizados (oprimidos). Assim, os europeus foram impondo toda a sua cultura e junto a ela a sua língua, realizando, desse modo, o processo de apagamento das línguas africanas. A África tem mais de 2 mil línguas (PETTER, 2015) exercendo a função da transmissão da cultura, da oratura e dos modos de ser e de estar em sociedade. Ainda existe línguas ágrafas cujo o uso se baseia apenas na oralidade.

No entanto, a história nos revela que os africanos buscaram formas de resistir às imposições dos europeus, lutando sempre pelo direito de poderem assumir a sua identidade, a sua africanidade. Um dos instrumentos de luta por esse direito foi a literatura, já que é sabido, que a arte, para além de seu potencial estético, promove grandes reflexões e impactos nas pessoas. Assim, a literatura se consolidou como forma de resistência às mazelas impostas pelo sistema colonizador. Dentre a literatura moçambicana que contribuiu para consciência de luta colonial se destaca os trabalhos de Noémia de Souza, José Craveirinha, Rui de Noronha, Marcelino dos Santos entre outros.

A língua é, de acordo com Timbane e Santos (2020, p.307) “um bem imaterial que funciona para os membros de uma determinada comunidade como fator determinante na construção da identidade individual e coletiva, que intuitivamente os

identifica e os localiza dentro do grupo de pertencimento”. Desse modo, o estudo da obra de Mia Couto pode permitir a compreensão da dimensão socio-histórica moçambicana, no sentido de que ela se perfaz na apropriação da língua portuguesa de maneira a tornar possível nela a expressão da cultura desse povo, tecendo-se assim como um elemento de afirmação da identidade moçambicana.

Em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto a linguagem é um artefato digno de uma análise minuciosa, tendo em vista que o autor, embora escrevendo em língua portuguesa, utiliza-se desse código linguístico para expressar toda uma identidade moçambicana. Desse modo, cabe o seguinte questionamento: Como é revelada a identidade linguística moçambicana através da construção literária de Mia Couto em *Terra Sonâmbula*? Tal questionamento nos leva a refletir sobre as seguintes hipóteses: A linguagem utilizada pelos personagens em “*Terra Sonâmbula*” contribui para o processo de construção identitária de seus personagens uma vez que eles involuntariamente utilizam-se de expressões que a evidenciam; “*Terra Sonâmbula*” revela a importância da língua como elemento identitário, pois, embora pelo sistema de colonização se tenha buscado o apagamento dessa marca identitária, ela ainda assim se perpetuou.

O presente trabalho nasce dessa inquietação em compreender e analisar como a língua materializada no romance “*Terra Sonâmbula*” de Mia Couto foi utilizada de maneira a permitir um encontro com a cultura e tradição moçambicana, o que resulta em uma obra de valorização e propagação cultural, bem como de resistência. Tecemos, assim, uma análise de fragmentos de textos, na busca de identificar expressões e palavras que remetam ao universo cultural moçambicano, demarcando que o universo vocabular de um povo nasce e renasce através da influência de um contexto sociocultural, e também é responsável por demarcar uma identidade cultural.

A primeira seção deste trabalho objetiva traçar uma discussão a respeito da identidade cultural que se forma a partir dos processos vividos por uma determinada comunidade. Na segunda seção, partindo dessa mesma perspectiva, dialogamos um pouco sobre a língua como elemento crucial na demarcação de nossa identidade. Na terceira seção abordamos sobre o diálogo existente entre cultura, identidade e literatura. Na quarta seção trazemos para o texto alguns fragmentos do romance nos quais constatamos que a identidade moçambicana se reverbera firmemente através

da língua utilizada pelos personagens e narrador. E por fim, na última seção, apresentamos as considerações finais e em seguida as referências.

2 IMPLICAÇÕES DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

No mundo moderno, o conceito de identidade é algo muito discutido. Esse debate acontece pelo fato de a identidade estar imersa num processo muito complexo, onde as diversas culturas encontram-se imbricadas e, por esse motivo, dão origem ao desafio de compreensão entre o que pertence numa determinada cultura ou o que pertence a outra. Assim, outro conceito que entra em cena é o de diferença, isto porque ao assumir determinada identidade, acontece o processo de exclusão de uma outra, o que nos permite dizer que somos diferentes desse ou daquele outro. Silva (2000) defende que a identidade é exatamente o ponto que nos diferencia, o ponto em que se origina as diferenças. Para Hall (p. 44) “as identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera”. Assim,

a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p. 76).

Desse modo, o jogo de identidades e diferenças diversas são construídas a partir de nossas relações em sociedade e, assim sendo, através dos processos históricos a que fomos submetidos. Nesse sentido, é possível afirmar que em uma sociedade, tal como a africana, vítima de um processo tão violento em relação ao apagamento de identidades, esse conceito ganha uma conotação ainda mais complexa, uma vez que o dilema se instala no processo de tentativa de recuperação de uma identidade roubada, estando imerso na cultura imposta pelo outro, é um processo bastante doloroso e injusto.

Assim sendo, a “identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode

ser separado das relações mais amplas de poder [...]” (SILVA, 2000, p. 81). Na condição de colonizador, a marcação da diferença em relação ao colonizado sempre foi um traço muito forte, a afirmação da diferença e distinção do que é do Europeu e do povo africano sempre foi demarcada com veemência, no sentido, de desvalorizar o que pertence ao povo africano, estabelecendo assim, uma relação escancarada de poder e conseqüentemente de dominação. Segundo Timbane e Santos:

[...] as configurações que afetam as identidades já existentes, tornando-as novas, recriadas e/ou (re)construídas implicam no processo de escolha e abandono das existentes, sendo que a sua produção está arraigada às situações nas quais se inserem os sujeitos. Isto quer dizer que quando inseridos em uma nova situação, o ator social se sujeita a uma nova adequação, por isso mesmo as identidades são sempre renovadas (2020, p. 304).

Desse modo, compreende-se que todas as sociedades sofrem influências diretas de outros povos, o que promove esse processo de (re)construção abordado por Timbane e Santos (2020). No caso da sociedade africana não foi tão simplesmente um processo de influência, mas de imposição, entretanto mesmo após a libertação de seus países das garras da colonização direta, estes ainda foram afetados diretamente pelos impactos da decolonização. Não é por acaso que Mia Couto, numa entrevista que aborda “a colonização do pensamento”³, defende que a África não está totalmente independente. Há outras formas de colonização sutis, camufladas que ainda colocam a identidade africana em risco. Todo esse processo da libertação (independência) total deságua numa crise de identidade e, desse modo, no surgimento de novas culturas.

Em “Terra Sonâmbula” de Mia Couto, essa crise identitária fica muito nítida, já que é possível perceber que, enquanto o velho Tuahir entra num processo de fuga cultural, o menino Muidinga faz o processo contrário, demonstrando necessidade de saber mais sobre o seu mundo cultural de origem. É interessante esse viés entre os dois personagens. Enquanto Muidinga se interessa pela identidade cultural bantu (que é essencialmente de tradição oral), Tuahir busca a identidade cultural do letramento, da cultura literária presente nas cartas. Isso só mostra que as gerações podem conviver de forma harmônica, uma tolerando e convivendo com outra. O importante é a proteção da identidade cultural (TIMBANE, 2016).

³ A colonização do pensamento: <https://www.youtube.com/watch?v=CqCIHwtsU90>

No caso de Tuahir a sua postura é compreensível, na medida em que ao fugir dos conflitos vivenciados na sociedade a qual pertencia, isto é o contexto de guerra, busca um novo lugar onde possa firmar raízes e reconstruir a sua história, o que deságua também numa nova forma de conviver em sociedade, que afeta diretamente a vivência de seus costumes tradicionais. Compreensiva é também a inquietação de Muidinga por saber mais sobre seu passado, na medida em que, o ser humano precisa de sua cultura como ponto de partida para conduzir a sua vida em sociedade. A atitude insistente de Muidinga em conhecer a sua história demonstra essa necessidade humana de demarcar seu lugar no mundo, pois,

[...] a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma *arqueologia*. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu *trabalho produtivo*. Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse *desvio através de seus passados* faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2011, p. 44, grifos do autor).

Assim, seguindo essa linha de raciocínio estabelecida por Hall (2011), é possível afirmar que compreender o nosso passado, a nossa história, é mais do que essencial para entendermos a nós mesmos. Portanto, Muidinga é assertivo em sua necessidade de fazer esse retorno à sua história, sendo assim, uma forma de se estabelecer o processo de auto (re)construção apontado por Timbane e Santos (2020), pois como está muito bem explícito na fala de Hall (2011), a nossa identidade cultural se estabelece nesse diálogo entre o passado, isto é a tradição, e as vivências do contexto em que vivemos, permanecendo, assim em contínuo processo de (re)construção.

A constituição da identidade é complexa e busca o pertencimento. Pensar na identidade é buscar a cultura de origem, da qual o sujeito faz parte. É a identidade que diferencia as pessoas, mas "a diversidade não pode ser negada ou silenciada como outrora foi. Onde ela era percebida como obstáculo ou resistência ao projeto de hegemonia tanto econômico como ideológico." (LISBOA FILHO; SILVA, 2018, p.10). Toda a sociedade apresenta marcas, ritos e formas de ser e de estar em sociedade. Toda a sociedade tem regras e crenças que moldam as regras de convívio, por isso o

diferente se torna intruso ou ainda estranho. Existe uma identidade nacional (o ser brasileiro), regional (o ser baiano) ou ainda local, tal como fundamenta Pinheiro Lima (2018).

Não por acaso que Moreno (2014, p.7) define a identidade como sendo “uma categoria social discursivamente construída, expressa e percebida por diferentes linguagens: escritas, corporais, gestuais, imagéticas, midiáticas.” Desta forma, a identidade está no nível das representações, tem sempre que estar ligada a uma continuidade no tempo.

3 LÍNGUA E CULTURA NA CONSTRUÇÃO DE UM EMARANHADO CHAMADO IDENTIDADE

Definir cultura nunca foi um trabalho simples, dado o seu caráter fluído e plural, no entanto, compreendê-la é mais que necessário para traçar uma discussão acerca da língua, enquanto elemento de nossa identidade cultural. Desse modo, a cultura se perfaz nessa fluidez que predomina nas relações humanas, sendo, portanto, um emaranhado complexo.

Para Santos (2006, p. 8) “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”. O conceito de Santos (2006) abre espaço para entendê-la como um processo que em seu interior está permeado pela multiplicidade e não pode ser entendida fora dela. De acordo com Hall (2011, p. 136, grifos do autor) “a cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas [...] dentro ou subjacentes a *todas* as demais práticas sociais”. Assim, a cultura se coloca como lugar de manifestação das vivências sociais, isto é, um ponto de reverberação de nossas particularidades enquanto humanos. Ao abordar a cultura enquanto processo de criação Chauí (2009) nos instiga a pensar uma nova relação com a cultura entendendo-a como trabalho, e, desse modo, entendê-la “como trabalho da inteligência, da sensibilidade, da imaginação, da reflexão, da experiência e do debate e trabalho no interior do tempo é pensá-la como instituição social, portanto, determinada pelas condições materiais e históricas de sua realização” (CHAUÍ, 2009, p. 46-47).

Portanto, pensar em cultura, é pensar em significações, multiplicidade, pluralidade, não há como defini-la distante do seu potencial de fluidez. Embora, isso seja algo notório, os processos de colonização, enquanto movimento de busca pelo poder, o desconsidera completamente, o que permite o desconsiderar de todos os aspectos que constroem a identidade do outro, o colonizado.

Assim, dos aspectos culturais que entram no jogo de demarcação de poder é a língua. Nesse sentido, ao provocar o processo de apagamento de toda uma identidade, cultura e costumes africanos, a língua enquanto algo extremamente demarcador da identidade, sofreu um vasto processo de desvalorização ao ser forçosamente substituída pela língua do colonizador.

Assim, a literatura enquanto arte que permite refletir sobre os processos sociais e que utiliza a linguagem para fazê-lo, é uma importante ferramenta para a busca do entendimento desses processos. Nesse sentido, estudar a obra de autores africanos nos permite compreender os processos relacionados a linguagem que foram se delimitando a partir do período de pós-independência. Desse modo, ao buscar compreender estes aspectos na obra de Mia Couto, busca-se o entendimento da relação do escritor com a linguagem utilizada em seus escritos.

Segundo Cavacas (2006, p. 66) “a criatividade e a sensibilidade poética de Mia Couto revelam-se pelo recurso a cambiantes múltiplos da língua que proporcionam a fruição da palavra (re)construída”. Portanto, levando em consideração o que é apontado por Cavacas, é possível compreender que o uso que Mia Couto faz da linguagem em sua produção literária se revela como material potencialmente rico para análise dos jogos linguísticos que atravessaram a literatura africana construída a partir da língua portuguesa, mas que age na busca constante pela afirmação da cultura africana. De acordo com Timbane e Santos (2020):

A língua é um bem imaterial que funciona para os membros de uma determinada comunidade como fator determinante na construção da identidade individual e coletiva, que intuitivamente os identifica e os localiza dentro do grupo de pertencimento (TIMBANE; SANTOS, 2020, p. 307).

Desse modo, é possível afirmar que a língua é um dos elementos culturais que mais caracteriza o ser, já que no momento em que um determinado falante faz uso de sua linguagem, é possível reconhecer nela marcas que demarcam, por exemplo, sua idade, sexo, classe social, nível de escolaridade e lugar de origem, ou seja, a nossa

linguagem denuncia nitidamente quem somos. Portanto, a língua se apresenta sempre como um bem que, como demarca Timbane e Santos (2020), nos identifica como pertencente a um determinado grupo ou cultura.

Bagno (2011) defende que a língua é o resultado de um processo histórico e cultural. Assim, a língua expressa pelos falantes através de sua oralidade/escrita condensa as experiências e os contextos pelos quais ele passou, são esses processos que dão origem a sua forma de falar que também é fluída e vai se alterando ao longo dos tempos, sendo assim,

a natureza essencialmente heterogênea das línguas é evidente: dois filhos de uma mesma família, por mais semelhanças que apresentem em seu modo de falar, também apresentarão diferenças devidas à trajetória cultural e social e à personalidade própria de cada um. (BAGNO, 2011, p. 371).

Tal exemplificação construída por Bagno (2011) nos leva a compreender que a língua se edifica cotidianamente e, desse modo, pode-se compreender também que ela sofre interferência dos contextos em que estão vivendo os falantes. Nesse sentido, o português de Moçambique é de origem europeia e ao chegar no país sofreu grandes influências das línguas e culturas locais fazendo surgir a variedade. É uma língua oficial do país, porém convivendo com as mais de vinte línguas bantu, maternas para maioria do povo. A oficialização do português por meio da Constituição (MOÇAMBIQUE, 1975; 2004) confirma a ideia de que ela é dos moçambicanos e já também não pertence ao colonizador, pois encontra interferências de uma resistência nítida da cultura tradicional moçambicana, ao que nos deteremos no quarto tópico, a partir da análise de fragmentos retirados do romance “Terra Sonâmbula” de Mia Couto.

De acordo com Chauí (2006, p. 173) a linguagem é “a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes”. Desse modo, a linguagem condiciona as relações sociais e por meio dela se manifesta a cultura. Coelho e Mesquita (2013, p. 28) enfatizam que

a cultura não é resultado da ação isolada de um único indivíduo, mas de uma coletividade e se configura como sinônimo de criação, de aprendizagem e de cooperação. Ela é modificada e enriquecida continuamente, num processo coletivo.

Assim, a cultura se perfaz através da coletividade e, sendo a linguagem instrumento de comunicação entre os povos, compreendemos que língua e cultura são processos indissociáveis nos quais um influencia diretamente na construção e reconstrução do outro.

3 A CULTURA, A IDENTIDADE E A LITERATURA: RELAÇÕES DE CUMPLICIDADE

A arte é uma forma de expressão humana que nos possibilita reverberar com intensidade e clareza os sentimentos e os contextos vividos. Assim, através da arte o ser humano se reinventa a cada dia, buscando através dela o prazer e também usando-a como ferramenta de luta e expressão de medos, desejos, anseios. De acordo com Leite (2008) a arte nos possibilita transgredir, e ao explicar o processo de criação artística evidencia: “[...] ensaio pensar o processo de criação artística como um processo de registro. Registrar é reconhecer-se e compreender-se sujeito da história e da memória” (LEITE, 2008, p. 32). Nesse sentido, é possível afirmar que a arte permite ao ser humano, em seu processo criativo e também de apreciação, o autoconhecimento, enxergar-se verdadeiramente, levando-o a compreender melhor seu contexto social, sua história, sua cultura e identidade.

Tendo em vista esse potencial nítido da arte, é que é possível afirmar com maior veemência que a literatura é uma expressão artística, que assim como tantas outras, reflete a sociedade e o contexto em que foi construída, assim, ela possui uma estrita relação com a perspectiva identitária e cultural. Assim, para Inácio (2008) os estudos acerca da literatura têm se encaminhado cada vez mais para um viés em que seja possível perceber a sua relação transdisciplinar e interdisciplinar, desse modo,

a relação entre Literatura e a Cultura, intrinsecamente ligadas e no cerne dessa questão, foi mergulhada nesse processo de tal forma que hoje a Literatura só pode ser compreendida levando em conta as diversas inter-relações que continuamente estabelece com outros objetos culturais e sociais e outras linguagens (INÁCIO, 2008, p. 54).

A literatura, nessa perspectiva, só é compreendida a partir do momento que a confrontamos com o seu contexto de produção, isto significa também que ela é muito

mais que palavras e ideias escritas em papel, ela é capaz de nos possibilitar um encontro com os ideais, a cultura, a identidade de um povo. As explicações de Inácio (2008), deixa claro a importância de levarmos em conta sempre a relação estrita existente entre a literatura e o contexto sociocultural em que uma determinada obra literária está inserida. Segundo Cândido (2006):

justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista. Estas seriam nela tudo, se fosse possível o solipsismo; mas na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (como alguém para quem se exprime algo), é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência (CÂNDIDO, 2006, p. 31).

As ideias expostas por Candido (2006) clarificam e reafirmam a ligação existente entre a arte – e dentro desse contexto, a literatura – e a cultura, pois não há como separar ambas uma da outra já que estão interligadas num processo contínuo de trocas, já que o artista que escreve recebe influências diretas de seu contexto sociocultural, bem como influencia diretamente na modificação deste. Assim, é possível também afirmar que no processo de construção, reconstrução e afirmação identitária a literatura, enquanto arte que se utiliza da palavra, se mostra também presente, pois, “a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público” (CANDIDO, 2006, p. 33). Nesse sentido, a literatura atua por vezes como ferramenta de luta e de afirmação identitária.

4 METODOLOGIA E ANÁLISES

O texto de “Terra Sonâmbula” envereda por uma linguagem e contexto que demarcam com clareza a construção de um imaginário que nos leva a descobrir a essência de Moçambique. A cada parágrafo da leitura nos aproximamos mais dessa atmosfera moçambicana através de uma linguagem que não é, notoriamente, o português do colonizador. De acordo com Timbane e Santos:

As identidades linguística e cultural mesmo que tratadas ora como identidades à parte, ora como complemento uma da outra são reconhecidas como legitimadoras do sujeito como parte ativa da sociedade, bem como representantes de uma determinada cultura, grupo ou comunidade de pertencimento, sendo responsáveis por situar o ator social às suas referências linguística e cultural socialmente localizadas no tempo e no espaço respectivamente (TIMBANE; SANTOS, 2020, p. 302).

Em busca de atestar o que também foi afirmado acima por Timbane e Santos é que nos debruçamos nesta seção na análise de alguns trechos do romance, esmiuçando e demonstrando através do texto como a linguagem utilizada por Mia Couto em sua obra caracterizam uma cultura e identidade moçambicana, deixando claro, assim que a linguagem é um demarcador de identidades.

“Terra Sonâmbula” de Mia Couto é considerada uma das maiores obras africanas do século XX, vencedora inclusive de vários prêmios como o Camões em 2013. A história narrada no romance se passa no contexto de uma guerra civil em Moçambique pós-independente e conta a história do menino Muidinga e do velho Tuahir que o resgata e vivendo juntamente com o garoto uma história de fuga aos conflitos impostos pela guerra.

Nesse contexto, a obra de Mia Couto, que é considerado na atualidade um grande autor de literatura moçambicana, se apresenta como poderoso elemento de análise, visto que sendo o autor moçambicano e contando uma história contextualizada ao ambiente político e sociocultural do seu povo, faz com que a sua escrita seja o reflexo do sentimento do seu povo e que perpassa a oralidade moçambicana, construindo-se nesse emaranhado entre a língua portuguesa e a africana.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA “TERRA SONÂMBULA”

A obra “Terra Sonâmbula” de Mia Couto se passa no contexto da guerra que assolou Moçambique um ano após a sua independência do colonialismo português. Tal guerra ocorreu devido ao fato de os moçambicanos ex-guerrilheiros da luta em favor da libertação não estarem contentes com a forma como estava sendo levado o governo de Moçambique sendo, pois, a favor de um regime mais democrático. Diante de tal insatisfação iniciam um novo conflito que durou 16 anos, trazendo grande sofrimento para a população rural e mais vulnerável. É nesse contexto de morte, fome,

e migração de populações da zona rural para a urbana que Mia Couto constrói a história de Muidinga e do velho Tuahir.

Enquanto estão nesse processo de andança, em busca de fugir de todo esse caos desencadeado pela guerra, Tuahir e Muidinga vivem grandes aventuras. Um ponto marcante para o desenvolver da história é que logo no início dela o velho e o menino Muidinga se deparam com o ônibus com corpos carbonizados, ao retirá-los do veículo, o qual pretendem usar de abrigo, o garoto encontra uma mala junto a outro corpo fora do veículo, nela Tuahir se depara com um diário, os “cadernos de Kindzu”, no qual está relatada as aventuras do jovem Kindzu que estaria em busca dos naparamas, isto é, guerreiros tradicionais, que seriam para ele a única esperança para libertá-los do conflito instalado. Daí por diante a narrativa é intercalada pela história de Tuahir e Muidinga e as de Kindzu que são lidas com bastante curiosidade e empolgação pelo menino Muidinga.

A história é narrada em terceira e primeira pessoa, respectivamente, e é dividida em 11 capítulos e 11 cadernos, protagonizada por Muidinga que é acompanhado pelo velho Tuahir, dentre outros 13 personagens nomeados como: Kindzu, Taimo, Junhito, Farida, Euzinha, Virginia, Romão Pinto, Gaspar, Estevão, Carolinda, Assane e Quintino.

O título da obra chama a atenção e já provoca as primeiras reflexões em torno de seu contexto. Trazendo o adjetivo “sonâmbula” para caracterizar a terra, podemos considerar que Couto, diante de sua criatividade poética, nos faz cogitar inúmeras possibilidades de interpretações para tal adjetivo atribuído a “terra” que, em nosso entendimento se refere à Moçambique, enquanto “sonâmbula” a caracteriza como um lugar que ainda precisa reagir, pois ainda dorme, uma terra que precisa de construir a sua realidade perante os sonhos que a população carrega de dias melhores. É nesse arcabouço narrativo cheio de sonhos e ao mesmo tempo de misérias que é construído e demarcado também a identidade desse povo o que será alvo de análise na subseção seguinte através de excertos retirados do texto.

4.2 A IDENTIDADE MOÇAMBICANA NA OBRA *TERRA SONÂMBULA* DE MIA COUTO

Terra Sonâmbula apresenta uma construção linguística, que como já foi exposta aqui, foge ao português de Portugal, pois o falante imprime em sua língua e, portanto, em seu vocabulário, as marcas de seu contexto regional, social, cultural, dentre outros aspectos que constroem a nossa identidade linguística. Nesse sentido, Orlandi (2007) defende que

os sinais que o homem produz quando fala ou escreve são chamados signos. Ao produzir signos os homens estão produzindo a própria vida: com eles o homem se comunica, representa seus pensamentos, exerce seu poder, elabora sua cultura e sua identidade (ORLANDI, 2007, p. 11).

Assim, o romance em questão é um exemplo de como a linguagem carrega em sua forma as características identitárias do ser que a utiliza, desse modo, Mia Couto imprime nessa obra uma identidade moçambicana e nos faz mergulhar nesse universo sociocultural. Para facilitar o entendimento de algumas passagens do texto o autor disponibilizou ao fim do livro um glossário com palavras que são típicas do universo da variedade moçambicana do português sendo, pois, também utilizado para fim de compreensão nesta análise.

Passemos para os achados:

Uma das faces de nossa identidade se perfaz pela religiosidade. As crenças, as superstições, demarcam fortemente o universo da cultura africana e em vários trechos do romance é possível encontrar termos que se relacionam a fé africana, tais como:

Ex.1: “Essas pegadas na água eram as marcas de *chissila*, esse mau olhado que me castigava” (p. 39, 2º Capítulo)

Ex.2: “O *xipoco* rodou a pá sobre a cabeça, se algazarrando em berraria” (p. 41, 2º Caderno de Kindzu)

Ex.3: “E tu, filho, que andas por esses caminhos selvagens? Não sabes estes trilhos não foram limpos dos *xicuembos*? [...]” (p. 43, 2º Caderno de Kindzu)

Ex.4: “[...] O *nhamussoro* já anunciara o pedido a uma outra mulher, dessas que moram do lado da vida.” (p. 44, 2º Caderno de Kindzu)

Nas passagens acima percebemos em meio ao uso da língua portuguesa, o uso de termos próprios da língua xichangana, uma língua bantu falada no Sul de Moçambique, que foram colocados em itálicos para facilitar a sua identificação, são eles: *chissila*, *xipoco*, *xicuembos* e *nhamussoro*. Ao consultar o glossário disponibilizado ao final do livro, encontramos os seus significados que são, respectivamente: maldição, fantasma, feitiço e feiticeiro ou curandeiro. Tais construções nos remetem ao universo popular e cultural desses povos, demonstrando, pois, algumas crenças típicas também do espaço rural.

Outros termos que são possíveis de observar se relacionam a construção da paisagem natural onde se passa a narrativa. Observemos alguns trechos que trazem alguns termos:

Ex.5: “Anoitecia quando me afastei do frondoso *canhоеiro*. Já se fazia tarde mas, ainda assim, passei pela cabana do *nganga*” (p. 30, 1º Caderno de Kindzu).

Ex.6: “Eu que levasse o amuleto dos viajeiros e o guardasse em velha casca do fruto *ncuácuá*” (p. 30, 1º Caderno de Kindzu)

Ex.7: “Ao fim da tarde chegam, enfim, a uns antigos terrenos de *machamba*. Tudo fora abandonado, as culturas se tinham perdido, castanhamente. A terra toda se despira, esperando em vão receber o beijo do arado” (p. 49-50, 3º capítulo).

Mais uma vez nos deparamos com alguns termos próprios da cultura moçambicana e referentes a vegetação/paisagem, tais como: *canhоеiro*, *ncuácuá* e *machamba*, que se referem respectivamente a: árvore da fruta *nkanhu* de onde se extrai a bebida usada em cerimônias tradicionais do Sul de Moçambique; árvore de fruta; terreno agrícola. O uso dessas unidades lexicais no texto levanta elementos da identidade e da aproximação com a sua variedade. Algumas dessas palavras não têm equivalentes em português, existindo, então, necessidade de se buscar a unidade lexical vinda das línguas locais, são os chamados moçambicanismos lexicais discutidos com pormenor por Timbane (2013). As interferências das línguas bantu moçambicanas para o português se realizam de forma natural e justificável se entendermos a língua como membro vivo de uma sociedade e que varia e muda à medida que os falantes caminham para a mesma direção.

Em algumas passagens da obra encontramos menções a alguns objetos próprios daquela cultura:

Ex.8: “Olhos acesos, o baixito repetia a notícia que eu já conhecia: um enormíssimo navio encalhara num banco de areia, bem próximo dali. Porões ao léu, estava só à espera que se fosse lá. Tinha tudo: comida, roupa, *facholos*, petróleo, *petromaxes* [...] (p. 57, 3º caderno de Kindzu).

Ex. 9: “O homem aproximou-me o bafo. Pensei que, postos os modos de confiança, fosse falar em sussurro. Mas usou o mesmo tom de *xipalapala* entupido [...] (p. 125, 7º capítulo).

Ex. 10: “Depois, nos desprendemos, fatigados. Ela estremeceu, molhada. Se chegou ao xipefo, se envolveu numa manta [...]” (p. 94, 5º caderno de Kindzu).

Desses fragmentos destacamos: *facholos*, *petromaxes*, *xipalapala* e *xipefo*, que têm, na mesma ordem, os seguintes significados: enxadas/pás, candeeiros a petróleo, corneta feita de um chifre de boi e lamparina a petróleo. O nome foi atribuído à lamparina/ candeeiro porque a empresa que fabricava e vendia se chamava Petromaxes. Há vários nomes de empresas que se tornaram nomes dos produtos.

Quadro 1 - Relação nome do produto e empresa

Nome da empresa	Nome do produto
Colgate	chama-se “colgate”, qualquer pasta de dentes
Tentação	Chama-se “tentação”, qualquer aguardente de fabrico não artesanal
Luselite	Qualquer telha de fibrocimento, utilizada na cobertura de casas
Davita	Chama-se “davita” qualquer tipo de suco em pó que é colocada em água para ser consumido
Laurentina	Chama-se “laurentina” qualquer cerveja produzida naquela empresa

Fonte: Elaboração própria

Outros exemplos são relativos às palavras de línguas bantu moçambicanas que no contexto da variedade moçambicana do português ganharam outros valores semânticos.

Ex.11: Vamos para o **machimbombo** (p.101, 7º capítulo)

Ex.12: Agora, entendo bem os **babalazes** de meu pai (p.110, 7º capítulo)

Ex.13: Não tenha medo. Esses **gajos** é que tem razão para terem medo. (p.132, 7º caderno de Kindzu)

Ex.14: Pois a primeira coisa que vais fazer mal saíres daqui e chamares aqui o **camarada-chefe**, ouviste? (p.146, 8º caderno de Kindzu)

Ex.15: É aqui que guardam as **xicalamidades**. (p.187, 10º caderno de Kindzu)

Os exemplos 11, 12, e 15 são palavras provenientes do inglês (*machine pomp-machimbombo*, quer dizer ônibus) e da língua xichangana (prefixo das línguas bantu xi- adicionando a palavra portuguesa calamidade). A palavra “calamidade” significa “roupa usada”, assim, quando a roupa usada for vendida deve ser chamada de xicalamidade (singular) e psicalamidade (plural). A palavra camarada-chefe (ex.14) era usada com frequência nos anos 70 e 80 para designar qualquer superior hierárquico. Só que esse chefe deve ser do mesmo partido que o seu. A palavra “babalaze” (ex.12) provém da língua xichangana e significa “ressaca”, o que localmente se chama “lazerna”. O que houve foi o aportuguesamento com a colocação do sufixo plural “-s” final. Em xichangana, a marca do plural para essa palavra é marcada pelo prefixo “ma” (*mababalaze*).

Outro fenômeno a observar está relacionado com uso de onomatopeias que ao nosso ver, pode ser efeito de ideofones no português. Os Ideofones “são uma espécie de palavras-imagem.” (NGUNGA e SIMBINE, 2012, p.270). De acordo com Langa e Nhampoca (2018), o ideofone é usado para representar o cheiro; serve para representar um gesto; representa uma postura; serve para representar uma atitude ou ainda para representar um som. Os ideofones são palavras especiais usadas tipicamente para contar histórias e por isso mesmo que se observa no romance de Mia Couto, especificamente nos exemplos 16 a 19, a seguir:

Ex.16: É bonito de se ouvir: túúúúúúúúúú-úú. (p.138,8º capítulo)

Ex.17: Chiii, patrão. Custa muito demais para falar com ela. (p.151,8º capítulo)

Ex.18: A carapau, vuum-ntáá, estalava nos costados. (p.177,10º caderno de Kindzu)

Ex.19: Esganiçava uns cóóós e ajeitava a cabeça por baixo do braço. (p.19, 1º capítulo)

Diante dos exemplos trazidos nesta seção é possível verificar que ao fazer leitura do romance “Terra sonâmbula” nos deparamos a todo tempo com palavras e expressões que são próprias da cultura e identidade moçambicana. O uso dessas

palavras por Mia Couto reafirmam o lugar da linguagem na construção de uma identidade moçambicana, visto que, ela demarca firmemente que o povo moçambicano, embora tenha sido alvo de um processo que tende a promover o apagamento da identidade, resistiu firmemente e embora a língua do colonizador continue sendo utilizada hoje como língua oficial, não podemos mais reconhecê-la como tal, já que esse povo apropriou-se dela e a transformou no momento em que passam a inserir palavras e expressões próprias de sua região, desconstruem a sintaxe e, assim, desconstruindo a língua portuguesa de Portugal, constroem o português moçambicano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Terra Sonâmbula” é a mais pura demonstração de que a cultura moçambicana e a identidade desse lugar continuam vivas. É uma obra literária que exerce o papel fundamental de nos levar a conhecer um universo cultural tão pouco visitado. A literatura construída por Mia Couto é uma demonstração de resistência cultural que expande os nossos horizontes em relação à cultura moçambicana.

Através de sua leitura somos convidados a embarcar em um universo de palavras e expressões que nos aproximam do universo moçambicano e são também responsáveis pela construção de um contexto de lugar onde acontecem os fatos.

Tuahir, Muidinga, Kindzu e os demais são personagens que expressam através de sua fala a sua identidade. Desse modo, somos a cada momento levados a compreender melhor a força da linguagem nessa construção identitária.

Portanto, Mia Couto constrói através de seu arcabouço linguístico uma narrativa que ativa em nosso imaginário construções que perpassam pela religiosidade, vegetação, costumes, tradições, alimentação, organização social, dentre tantos outros aspectos possíveis. Ler “Terra Sonâmbula” é definitivamente um encontro direto com a identidade cultural moçambicana.

Diante do exposto, compreendemos que a análise aqui realizada evidencia que há, de fato, uma relação direta entre a escolha vocabular do autor ao escrever a obra com a construção de uma identidade moçambicana, o que nos permite afirmar que o objetivo da análise foi alcançado, confirmando também as hipóteses levantadas de

que de fato a obra literária *Terra Sonâmbula* e toda a sua construção linguística trazida por Mia Couto apontam para uma identidade do povo de Moçambique, que embora tenha passado por um processo aniquilador de cultura, isto é, a colonização, se reafirma na apropriação da linguagem do colonizador, modificando-a em sua estrutura e inserindo palavras próprias da identidade linguística e cultural do moçambicano.

Cabe ainda afirmar, que este estudo não esgota as possibilidades de análise da obra visto que há no romance ainda muitos exemplos e construções linguísticas que apontam para uma moçambicanidade estritamente presente.

Referências

BAGNO, Marcos. O que é língua? imaginário, ciência e hipóteses. In: LAGARES, Xoan; BAGNO, Marcos(Org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.355-387.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAVACAS, Fernanda. Mia Couto - palavra oral de sabor cotidiano/palavra escrita de saber literário. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia (Org.). **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006. p. 57-73.

CHAUÍ, Marinela. A linguagem. In: Convite à filosofia. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 172-190. Disponível em: https://home.ufam.edu.br/andersonlfc/Economia_Etica/Convite%20%20Filosofia%20-%20Marilena%20Chaui.pdf. Acesso em 18 de dez 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. 2ª ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade. **Entreletras**, Araguaína,TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.

COUTO, Mia. A colonização do pensamento. in: **Fronteiras do pensamento**. 16 jan. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqCIHwtsU90> Acesso em: 23 dez. 2021.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artísticas-culturais: Processos de apropriação/fruição e de produção criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (org). **Educação e arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus (Coleção Ágere), 2008, p. 27-36.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Rezende et. al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

INACIO, Emerson da Cruz. “Ser um preto tipo A custa caro”: poesia, interculturalidade e etnia. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. **Revista estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília. nº31, p.53-68, 2008.

LANGA, David; NHAMPOCA, Ezra Chambal. Análise fonológica e semântico-cognitiva dos ideofones do changana. **Linguagem: estudos e pesquisas**. Catalão-GO, Número Especial, p. 35-66, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/56563/27039>>. Acesso em 23 dez.2021.

MOÇAMBIQUE. **Constituição da República Popular de Moçambique**. Maputo: Assembleia Popular, 1975.

MOÇAMBIQUE. **Constituição da República**. Maputo: Assembleia da República, 2004.

NGUNGA, Armindo; SIMBINE, Madalena Cintia. **Gramática descritiva da língua changana**. Maputo: CEA, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. São Paulo: brasiliense, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TIMBANE, Alexandre António. A criatividade lexical da língua portuguesa: uma análise com brasileirismos e moçambicanismos. **Revista Caligrama**. Belo Horizonte, v.18, n.2, p.7-30, 2013.

TIMBANE, Alexandre António. As marcas de autoria em Mia Couto. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, v. 21, nº 10, p. 149-170, mai./ago. 2016.

TIMBANE, Alexandre António; SANTOS, Ivonete da Silva. Terra Sonâmbula: A (re)construção da identidade do ser africano a partir da língua portuguesa. **Jangada**. n. 16, p. 298-320, jun./dez., 2020.

LISBOA FILHO, Flávia Ferreira; SILVA, Thomas Josué (Org.). **Cultura e identidade: subjetividades e minorias sociais**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2018.

MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, Cristina Carneiro; LUCA, Tânia Regina de; GUIMARÃES, Valéria (Org). **Identidades brasileiras: composições e recomposições**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 7-29.

PINHEIRO LIMA, Jacqueline de Cassia (Org.). **Identidade e pertencimento: a cidade como construção de sociabilidades**. São Paulo: Pontocom, 2018.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.